



GRUPO DE ESTUDOS, PESQUISA E EXTENSÃO ÎMÓ JÈ

AUTOR: JULIANE LUCIO SOARES¹;
CO-AUTOR(ES)²; HIGOR CAMARGO, IDELGIR PEREIRA
ORIENTADOR³; PROFA. DRA. FLAVIA CARVALHO CHAGAS

¹ Universidade Federal de Pelotas – julianesoares.contato@gmail.com

²) Universidade Federal de Pelotas

³ Universidade Federal de Pelotas – flaviafilosofiaufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que, filosofia, etimologicamente significa amor à sabedoria. Obenga nos diz que a experiência humana é a base inescapável para um começo rumo a sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram, e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas. Neste sentido, a filosofia existe em todo lugar. Ela seria onipresente e pluriversal, apresentando diferentes faces e fases decorrentes de experiências humanas particulares (OBENGA, 2006; 49). De com Ramose e com este raciocínio a Filosofia Africana nasceu em tempos imemoriais e continua florescendo em nossos dias.

É importante mensurar, que da mesma forma que o espanto levou os gregos naturalistas a filosofarem, pensarem no arquê, também levou outros povos a pensarem no princípio de todas as coisas, nos questionamentos ontológicos, nas questões metafísicas, incipiente buscar dar sentido às coisas. Outros povos já refletiam antes dos gregos chamarem de filosofia a prática de uma reflexão profunda sobre o todo.

Sabendo que todo ser que pensa produz filosofia porque indivíduos com suas respectivas culturas distintas não teriam legitimidade em seus conhecimentos civilizatórios? Tendo como base está questão, podemos pensar um ser afrofilosoficamente?

O ponto de chegada do Ensino de Filosofia consiste na formação de mentes ricas de teorias, hábeis no uso do método, capaz de propor e desenvolver de modo metódico os problemas e de ler, de modo crítico, a complexa realidade que as circunda [...] criar nos estudos uma razão aberta [...]. E a razão aberta é a razão que saber ter em si o corretivo de todos os erros que (enquanto razão humana) comete, passo a passo, forçando-a a recomençar itinerários sempre novos. (REALE, ANTISIÈRE, 1986, p7).

Filosofia Africana tem em seu caráter libertação, pensar a filosofia a partir de uma *Afroperspectiva* pode contribuir para uma conscientização e agencia dos povos africanos, assim como de povos africanos em diáspora no combate do racismo estrutural e desigualdades sociais com a realização de trabalhos de extensão para promover a troca de experiências entre os acadêmicos e a comunidade proporcionando uma melhor compreensão da realidade dos envolvidos. Os acadêmicos colocam em prática os conhecimentos teóricos adquiridos nos seus respectivos cursos e refletem sobre os problemas sócio-econômicos-ambientais.



2. METODOLOGIA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (art. 26-A), determina que em todo o currículo dos ensinos fundamental e médio brasileiros estejam presentes conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira, em todos os componentes curriculares incluindo, dessa forma, a Filosofia. Desenvolver um grupo de estudo e pesquisa de Filosofia Africana foi uma forma de executar o que está posto na LDB art. 26-A. O grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão de Filosofia Africana advém de uma demanda de alunos que, além do estudo e pesquisa, pretende valorizar escritos de intelectuais africanos africanas, assim como intelectuais africanos e africanas em diáspora. Ao longo da pesquisa foi visto a necessidade oferecer ao participante do grupo um espaço de debate sobre os temas explorados nas obras africanas e uma outra forma de pensar filosofia e de filosofar. Com o trabalho de extensão foi possível ter a integração da universidade e comunidade, assim como auxílio nas tarefas de professores e professoras do ensino fundamental e médio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em novembro de 2019 o grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão de Filosofia Africana teve sua primeira aula inaugural: *Repensando projetos civilizatórios a partir da Filosofia Africana*. Contabilizando mais de 40 pessoas entre elas docentes e discentes e a comunidade em geral. Com a situação pandêmica as atividades foram convertidas no formato online. Além dos encontros semanais para discussão de textos e livros, o grupo construiu um atividade online chamada *Afroperspectivas* onde são convidados todos e todas que constrói narrativas antirracistas e que trazem uma visão de mundo civilizatória africana para enriquecer as pesquisas e as dialogias feitas em grupo.

4. CONCLUSÕES

Percorrendo o caminho de uma construção epistemológica do *Jé(ser)* africano, é preciso quebrar barreira com o absoluto (verdade). Quando fazemos o movimento suleador do conhecimento percebemos um mundo rico de saberes. (SOARES,2020). Portanto, podemos falar sobre uma episteme universal ou podemos falar de epistemes de acordo com cada cultura? Podemos falar de filosofia ou filosofias? Entendemos que a filosofia africana é uma dinamica, um modo de ser e estar no mundo que rege um conjunto de significados e sentidos. Nos debruçamos a perguntar o que a academia filosófica tem feito para responder aos anseios e demandas da sociedade? O que a filosofia Africana tem a nos dizer para uma pós-pandemia? Como os currículos de filosofia foram modificados para atender a necessidade de compreensão da filosofia indígena, africana e afro-diaspórica? O grupo de Estudos, pesquisa e extensão ÎMÓ JÉ vem se debruçando não em apenas responder estas questões, mas sim em ter uma comportamentalidade, desenvolver uma ética, uma filosofia que possa dar conta de algumas questão que são caras, sobretudo aquelas que violentam diariamente grupos que não são privilegiados socialmente. Pensar em Filosofia Africana também nos possibilita pensar um caminho sem racismo, xenofobia, opressão social.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. 1 ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

NOGUEIRA, Renato. O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. AFROCENTRICIDADE: Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana e currículo: aproximações. Revista Sul- Americana de Filosofia e Educação, Brasília, n.18, maio 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>> Acesso em 02 de Junho de 2012.

MOORE, Carlos. Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da intimidade: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.